

ÍNDICE

EDITORIAL	5
-----------------	---

VII CONGRESSO DA CIDADANIA LUSÓFONA: A LUSOFONIA EM TEMPOS DE PÓS-PANDEMIA

Textos e Testemunhos de Adriano Moreira (p. 8), Duarte de Bragança (p. 9), Elter Manuel Carlos (p. 9), Ivonia Nahak Borges (p. 10), Lúcio Sanhá (p. 12), M. Vieira Pinto (p. 13), Maria Dovigo (p. 14), Óscar Guimarães (p. 15), Renato Samuel Lima (p. 17) e Francisco Ribeiro Telles (p. 18)

GILBERTO FREYRE: DO LUSO-TROPICALISMO À LUSOFONIA

DO “MANIFESTO REGIONALISTA” DE 1926 À “NOVA ESCOLA DO RECIFE” António Braz Teixeira	20
CAMÕES VISTO POR GILBERTO FREYRE António Leite da Costa	26
GILBERTO FREYRE EM VIAGEM PELO MUNDO QUE O PORTUGUÊS CRIOU Artur Manso	31
“LUSOTROPICALIDADE” E O CULTO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO Carlos Dugos	40
TALVEZ POESIA (PERCURSOS POÉTICO-ANTROPOLÓGICOS DE GILBERTO FREYRE) César Tomé	42
A “MODERNIDADE CONSERVADORA” EM ORDEM E PROGRESSO DE GILBERTO FREYRE (ALGUMAS REFLEXÕES) Ernesto Castro Leal	52
A MODERNIDADE E A TRADIÇÃO EM GILBERTO FREYRE Joaquim Domingues	59
REFLEXÃO SOBRE CASA GRANDE & SENZALA Jorge Chichorro Rodrigues	68
A SOCIOLOGIA EXISTENCIAL DE GILBERTO FREYRE José Esteves Pereira	72
GILBERTO FREYRE E A CULTURA, A NOVA ESCOLA DO RECIFE José Maurício de Carvalho	78
GILBERTO FREYRE, INTÉRPRETE DO BRASIL Samuel Dimas	85
GILBERTO FREYRE E LUÍS ANTÓNIO BARRETO: DUAS ANTROPOLOGIAS DO HOMEM BRASILEIRO Alberto Antunes de Abreu	88
A LUSOFONIA ENQUANTO BLOCO GEO-LINGUÍSTICO, CULTURAL E POLÍTICO: ENTRE VAMIREH CHACON, GILBERTO FREYRE E AGOSTINHO DA SILVA Renato Epifânio	98

NOS 100 ANOS DE JORGE BORGES DE MACEDO

O ENSINO DA HISTÓRIA EM JORGE BORGES DE MACEDO: TESTEMUNHO DE UMA ALUNA Ana Leal de Faria	102
ACERCA DA HISTORIOGRAFIA DE JORGE BORGES DE MACEDO: CONSTANTES E LINHAS DE FORÇA Alvaro Costa de Matos	105
A HISTÓRIA ECONÓMICA NA OBRA DE JORGE BORGES DE MACEDO Luís Aguiar Santos	112
JORGE BORGES DE MACEDO: ENTRE A EUROPA E O ATLÂNTICO Paulo Miguel Rodrigues	116
JORGE BORGES DE MACEDO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA CULTURA Raul Rasga	123

OUTROS VULTOS

ADRIANO MOREIRA Renato Epifânio	126
ALCAIDE DE FARIA Luís de Barreiros Tavares	127
CARLOS CARRANCA Cândido Ferreira	129
GASTÃO CRUZ António José Borges	131
GUERRA JUNQUEIRO Lidia Machado dos Santos	133
JOÃO RUI DE SOUSA António José Borges	136
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA Nuno Sotto Mayor Ferrão	137
LYGIA FAGUNDES TELLES Alva Martínez Teixeira	145
OLIVEIRA SALES Jorge A. H. Rangel	146
PAULA REGO José Carlos Pereira	149
TEIXEIRA DE PASCOAES Rodrigo Araújo	156
VIKTOR E. FRANKL Emanuel Oliveira Medeiros	162

OUTROS VOOS

ELOGIO DO PAGANISMO Antonio-Carlos Pereira Menaut	172
O NEGRO E A ESPERANÇA OU O ESPLENDOR DA HUMANIDADE Artur Manso	176
UM EXÍMIO INSTRUMENTISTA CABO-VERDIANO, UM PROMOTOR DA EDUCAÇÃO MUSICAL E (INTER)CULTURAL Elter Manuel Carlos	180
EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, CIDADANIA E INCLUSÃO: DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE CULTURAL Emanuel Oliveira Medeiros	182
O QUE É SER PORTUGUÊS? J.A. Alves Ambrósio	191
MARIANA DESDITADA, OU A ANATOMIA DE UMA CATARSE Jaime Otelo	194
ONTOGNOSEOLOGIA DO SER PORTUGUÊS: UM ESBOÇO João P. Barbosa	197
DEVANEIO SOBRE A BELEZA E A ARTE João Seabra Botelho	201
BEHEMOTH <i>VERSUS</i> LEVIATÁ Joaquim Pinto	203
SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DE PORTUGAL: AS INVASÕES FRANCESAS E PAÇO DE ARCOS José Lança-Coelho	206
CIVILIZAÇÃO & DIREITO: FORÇA NORMATIVA DA ESPERANÇA Paulo Ferreira da Cunha	207
PORTUGAL COMO VIAGEM Pedro Vistas	210
DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS Renato Epifânio	217
AUTOBIOGRAFIA 11 Samuel Dimas	222

EXTRAVOO

A RAZÃO E A CLAREZA DA VIDA: ENTREVISTA A MÁRIO PEREIRA SOARES Ivonia Nahak Borges	242
A GALIZA E A LUSOFONIA: CARTA Joaquim Domingues	245
CARTA A JOSÉ SARAMAGO SOBRE O NOSSO MUNDO António Nahak Borges	245

PERIÓDICOS ETERNOS

CORREIO BRAZILIENSE Pedro Vistas	248
--	-----

BIBLIÁGUIO

PENSAMENTO E MOVIMENTO Renato Epifânio	256
O CÍRCULO DOS PLÁTANOS Maria Leonor Xavier	256
SANTO ANTÓNIO DE LISBOA: PENSAMENTO E DEVOÇÃO António Braz Teixeira	257
OBSERVAÇÃO DAS MARÉS: PRIMEIRO MANUAL DE DIREITO João Caetano	260
IDENTIDADE NACIONAL – A CONDIÇÃO PORTUGUESA E A NOSSA LÍNGUA PÁTRIA Jorge A. H. Rangel	264
PENSAR DE NOVO, PENSAR O NOVO: EM TEMPOS DE PANDEMIA Renato Epifânio	266
O ELOGIO DA DUREZA Helmut Siepmann	267
SE CANTO SÃO AS PALAVRAS Risoleta Pinto Pedro	268
FAUST: FERNANDO PESSOA António José Borges	272
PESSOA: UMA BIOGRAFIA José Almeida	273

POEMÁGUIO

UCRÂNIA Renato Epifânio	7
OS SENTIDOS; A REALIDADE Samuel Dimas (com fotos de Matilde Paraíso)	6-7
O (IN)EXCEDIDO Alexandre Teixeira Mendes	101
RUACH Jesus Carlos	170
LEMBRO-ME DE TI Manuel Dugos Pimentel	171
DIÁLOGO COM QUASE TUDO António José Borges	240
OS OUTROS DOIS LADOS Joel Henriques	241
TÉLOS Luísa Borges	247
TERRA Luísa Costa Macedo	247
CINCO POEMAS Delmar Maia Gonçalves	255
LISBOA – 2022; LISBOA – 2072 Jaime Otelo	275

MORADAS: CADERNO POÉTICO E VISUAL

LITANIA Poemas de José Rui Teixeira; Fotografias de Luís Costa	276
--	-----

MEMORIÁGUIO (p. 282), MAPIÁGUIO (p. 283), ASSINATURAS (p. 283), COLEÇÃO NOVA ÁGUIA (p. 286)

EDITORIAL

No trigésimo número da *Nova Águia*, começamos por publicar alguns dos textos apresentados no VII Congresso da Cidadania Lusófona, promovido, em Novembro do ano transacto, pelo MIL: Movimento Internacional Lusófono, em parceria com diversas entidades nacionais e internacionais – série de textos que se inicia com Adriano Moreira e Duarte de Bragança e termina com Francisco Ribeiro Telles, que recebeu, na ocasião, o Prémio MIL Personalidade Lusófona referente a 2021.

Já em 2022, o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, em parceria com o MIL, a *Nova Águia* e a SHIP: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, promoveu um outro Congresso de âmbito internacional – sobre “Gilberto Freyre e o outro modernismo brasileiro”. Neste número, publicamos os textos mais centrados na figura de Gilberto Freyre – figura central para compreender o Brasil, nos duzentos anos da sua independência, e, mais amplamente, a cultura lusófona do século XXI, enquanto paradigma maior de uma sã convivência inter-racial. No próximo número, publicaremos os restantes textos apresentados neste memorável Congresso, sobre outras figuras relevantes do “outro modernismo brasileiro”.

Depois, publicamos cinco ensaios sobre o historiador Jorge Borges de Macedo, por ocasião do centenário do seu nascimento, e, em “Outros Vultos”, destacamos mais de uma dezena de outras figuras relevantes da cultura lusófona, nomeadamente algumas que nos deixaram há pouco tempo – Gastão Cruz, João Rui de Sousa, José-Augusto França e Paula Rego –, bem como, a iniciar a secção, Adriano Moreira, que entre-

tanto completou cem anos de vida. A terminar, evocamos ainda Teixeira de Pascoaes, nos setenta anos do seu falecimento, e Viktor Frankl, um pensador austríaco que tem tido um significativo eco no pensamento lusófono.

Neste número, publicamos ainda mais de uma dúzia de “Outros Voos”, designadamente algumas reflexões sobre o sentido maior de “ser português”. Por fim, em “Extravoo”, publicamos uma entrevista e duas cartas; em “Periódicos eternos”, uma nova secção, recordamos o *Correio braziliense*; no “Bibliáguio”, fazemos a recensão da uma série de obras, a maior parte delas publicadas neste último ano, algumas com a chancela do MIL: *Pensamento e Movimento* (em parceria com a Fundação Lusíada), de Pinharanda Gomes, e *O Círculo dos Plátanos* (em parceria com a Livraria Orfeu), de Rodrigo Sobral Cunha; em “Moradas: caderno poético e visual”, publicamos um longo poema de José Rui Teixeira, com fotografias de Luís Costa. Enfim, chegados ao trigésimo número, ganhamos balanço para mais trinta...

A Direcção da *Nova Águia*

Post Scriptum: Dedicamos este número a José Marques, falecido no mês de Agosto do presente ano, verdadeiro “trabalhador-sombra” do Centro de Estudos do Pensamento Português, do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, que, entre 2002 e 2012, teve um papel primacial na promoção de eventos científicos e na edição de obras de referência – como as “Obras completas de Leonardo Coimbra” e os “Dispersos de Sampaio Bruno”.

sentido de abrir caminho à nova criação. Não se trata de repetir a história, trata-se de reinventar o futuro. É justamente o relevo crescente das inquietações de cada Estado europeu com os seus interesses privativos, a crise da estrutura europeia e o aprofundamento da sua hesitação entre a integração na linha federalista e a União na linha da igualdade dos Estados, que fez avultar o facto de a solidariedade EUA e Europa não ser invocada, por visivelmente ela estar a enfraquecer, com os EUA a regressarem ao destino manifesto do Pacífico e a considerar o Atlântico uma retaguarda por vezes incómoda.

Duarte de Bragança

Tenho muita pena de não poder participar neste *VII Congresso da Cidadania Lusófona*, mas terei de estar na Madeira para a entrega dos Prémios Infante Dom Henrique. Considero de maior utilidade para o nosso futuro colectivo a obra que o MIL (Movimento Internacional Lusófono) está a realizar.

Há vários anos que defendo a utilidade dos governos da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) lançarem a iniciativa de um passaporte CPLP destinado a pessoas que precisam de se deslocar frequentemente entre esses países por motivos bem definidos e mutuamente aceites. Essa iniciativa não pode de modo nenhum favorecer a emigração ilegal, mas só poderia ser atribuída em casos dos respectivos governos considerarem meritórios. Estes vistos, por exemplo no que se refere a Portugal, não poderiam ser válidos para outros países da União Europeia, a fim de não serem usados abusivamente.

Também tenho proposto a criação de um programa universitário semelhante ao programa Erasmus na Europa e que poderia ser chamado *Programa Padre António Vieira*. O objectivo seria de manter uma ligação e um conhecimento mútuo entre as futuras elites dos países da CPLP, visto que, com o passar das gerações o conhecimento mútuo tem tendência a desaparecer, o que é certamente negativo para todos nós.

Elter Manuel Carlos

Neste *VII Congresso da Cidadania Lusófona*, sob o signo “*A Lusofonia em Tempos de Pós-Pandemia*”, gostaria de, em primeiro lugar, agradecer ao MIL por este maravilhoso convite que muito me honra, assim como acontecera já em outras edições anteriores. Um evento cuja estatura intelectual, moral e cívica, mostra-nos as suas várias edições, tem dado um contributo indelével à fundação de *ethos* plural no espaço de língua portuguesa, com um respeito visível à pluralidade e à diferença como referências do espaço lusófono. Um evento que, em cada edição, está acima do acontecimento e da circunstância, acolhendo no seu seio os questionamentos urgentes. Por isso, a problemática da Pandemia e Pós-Pandemia se revela como um questionamento atual e à ordem do dia. Um questionamento que qualquer país, instituição, movimento ou associação sérios deverá abraçar. Pois bem, entrando na problemática da *Pandemia/ Pós-Pandemia em Cabo Verde*, diríamos, em termos concretos e objetivos o seguinte: assim como em todas as latitudes do planeta a pandemia causada pela *Covid-19* (pelo Coronavírus SARS-COV-2) teve uma veloz evolução no ano de 2020, impactando negativamente todos os setores da sociedade (saúde pública e saúde da economia...) e gerando medidas restritivas como estados de emergência e calamidade, em Cabo Verde não se revelou algo diferente. Os problemas de ordem global que se fizeram sentir a nível da segurança internacional (em termos de saúde e de doença) e tantos outros mexeram com o ser, a psique e a estrutura social e económica de Cabo Verde.

Contudo, hoje, novembro de 2021, apesar de continuar a existir problemas de sustentabilidade das famílias, devido ao desemprego que cresceu, temos tido um certo controlo da situação, precisamente a nível do combate à pandemia (embora ela não chegou ao fim...). A distribuição das vacinas, no campo da cooperação e solidariedade internacionais, fez com que hoje mais de 80 por cento da população do nosso arquipélago se encontra vacinada. O Governo da

DO “MANIFESTO REGIONALISTA” DE 1926 À “NOVA ESCOLA DO RECIFE”

António Braz Teixeira

A Vamireh Chacon

1. A crítica e a historiografia literárias tendem, cada vez mais, a vincar que a Semana de Arte Moderna, realizada, em São Paulo, no Carnaval de 1922 e sobre a qual se completou há pouco um século, longe de marcar o início do movimento modernista no Brasil, representou tão só um dos resultados de uma nova atitude cultural que começara a germinar uma década antes, primeiro no domínio das artes plásticas, com as exposições de pintura, de forte pendor expressionista, apresentadas, na capital paulista, por Lesar Segall (1891-1957), em 1913, e por Anita Malfatti (1889-1964), no ano seguinte, a partir de 1917, no plano literário, com a publicação de obras como *Há uma gota de sangue em cada poema*, de Mário de Andrade (1893-1945), *A cinza das horas*, de Manuel Bandeira (1886-1968), *Juca Mulato*, de Menotti del Picchia (1892-1966), ou *Nós*, de Guilherme de Almeida (1890-1969), ao mesmo tempo que, desde 1913, a imprensa paulista, principalmente por acção de Oswald Andrade (1890-1954), vinha dando notícia do movimento modernista em curso na Europa, com particular destaque para o futurismo.¹

2. Não sendo, agora, o momento adequado para referir e avaliar os intentos e as realizações dos promotores paulistas da Semana de 22 e do grupo do Rio que nela participou – Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho (1893-1935) (que cinco anos antes, partilhara, com Luís de Montalvor (1891-1947), a direcção do primeiro número de *Orpheu*), Ribeiro Couto (1898-1963), Guilherme de Almeida, Di Cavalcanti (1897-1976)

e Heitor Villa-Lobos (1887-1959), cuja música foi o centro da Semana –, nem de analisar as obras das suas principais figuras, em especial do chamado *grupo dos cinco* (Mário e Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral (1890--1973), Menotti del Picchio e Anita Malfatti), nem, ainda, de avaliar a sua índole destrutiva, as suas origens estrangeiras e o seu nacionalismo cultural, bem como o que nele, igualmente, se manifestou de criador e original², afigura-se oportuno notar que os promotores e os corifeus do movimento de que, historicamente, a referida Semana se tornou referência fundamental, foram vítimas de uma série de equívocos idênticos aos que, quase um século antes, afectaram os introdutores do romantismo no Brasil, com especial destaque para Domingos Gonçalves de Magalhães (1811-1882) e os seus companheiros na revista *Niterói* (1836).

Com efeito, ambos os movimentos se apresentaram ou pretenderam ser de ruptura com a situação literária vigente, a *arcádica*, em 1836, a *parnasiana*, em 1922, assim como ambos se reclamaram de um *nacionalismo cultural* que, pretendendo romper ou substituir a herança portuguesa e criar uma poesia e uma literatura genuinamente brasileiras e, no caso de 22, uma língua literária também brasileira, claramente diferenciada do português erudito e vernáculo dos mestres parnasianos da geração anterior, mais não faziam do que substituí-la por modelos europeus, principalmente parisienses, tanto na literatura como nas artes plásticas, com especial destaque para o futurismo de Marinetti. Por outro lado, se os românticos, principalmente Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias

¹ Cfr. António Soares Amora, *História da Literatura Brasileira*, Lisboa, Ática, 1961, pp. 211-212.

² Cfr. Wilson Martins, “50 anos de literatura brasileira”, in *Panorama das literaturas das Américas*, Nova Lisboa, vol. I, 1958, p. 111.



Sociedade Civil em Portugal. Apesar de já agregar algumas Associações muito prestigiadas no nosso país, falta-nos agregar ainda muitas mais. Daí a grande prioridade deste mandato: fazer crescer a PASC.

Esse crescimento, no nosso mandato, não será feito apenas a nível interno – será igualmente feito a nível externo. Para Associados Observadores, iremos convidar uma série de Associações da nossa Diáspora, de todos os continentes, bem como outras Associações da Sociedade Civil de outros países e regiões do Espaço Lusófono. O que, em última instância, reforçará ainda mais a nossa relevância a nível interno, fazendo da PASC a grande Plataforma de referência das Associações da Sociedade Civil em Portugal, fazendo da PASC a grande Casa da Cidadania entre nós.

Internamente, iremos, desde logo, promover um maior conhecimento mútuo das entidades que compõem esta plataforma – com o envio, mensal, de uma “newsletter” com as iniciativas mais relevantes de cada um delas. Mensalmente, haverá também um evento público sobre uma das nossas grandes causas: Assimetrias Sociais; Desenvolvimento Sustentável; Coesão e Ordenamento Territorial; Qualidade e Universalidade

dos Serviços Públicos; Transparência e Integridade dos Poderes Públicos; Igualdade de oportunidades e não discriminação; Desenvolvimento da Cidadania Lusófona.

Tudo isto passará, naturalmente, pela dinamização de grupos de trabalho temáticos e interassociativos. Ainda nessa dinâmica, continuaremos a promover a “Conferência Anual da PASC”, com a entrega dos “Prémios da Cidadania”. Isto para além de alguns projectos de referência que apoiaremos, como a “Rede Nacional de Administração Aberta (OGP Portugal)” e o “Projecto para uma nova Rede Social para a construção colectiva de Políticas Públicas”. Em suma: neste mandato, iremos consolidar e dinamizar esta Plataforma de Associações da Sociedade Civil, agregando mais entidades, a nível interno e externo, de modo que a PASC, em diálogo com todos os partidos e órgãos de soberania, seja reconhecida como a grande Casa da Cidadania entre nós. Para esta missão, contamos consigo, contamos com todos vós.

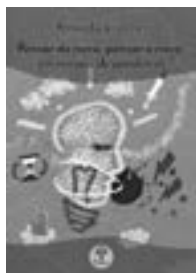
Post Scriptum: A lista encabeçada pelo MIL foi eleita por unanimidade, em Assembleia Geral, a 4 de Junho de 2022, e tomou posse a 23 de Junho, na Associação dos Pupilos do Exército.

PASC
Plataforma de Associações
da Sociedade Civil
CASA DA CIDADANIA



PENSAR DE NOVO, PENSAR O NOVO: EM TEMPOS DE PANDEMIA⁸

Renato Epifânio



Dizem os clássicos que a Filosofia chega sempre demasiado tarde – daí a conhecida imagem de Hegel: “a ave de Minerva levanta-se ao entardecer”. Quanto a esta pandemia que nos assolou nos últimos anos, apenas podemos dizer, com

alguma certeza, que este foi, até ao momento, o acontecimento mais relevante, à escala global, do século XXI – a par, quando muito, da guerra em curso na Ucrânia... Quanto ao mais, tudo permanece ainda demasiado incerto. Há ainda, para usarmos uma outra imagem, “demasiada poeira no ar”.

Como dissemos algures, vivemos um “interregno”. Os mais providencialistas têm sugerido que este “interregno” foi como que “programado”. De forma mais imanente ou transcendente, este “interregno” teria sido pois – passe o anglicismo – um “reset” necessário. Tal como os nossos computadores por vezes bloqueiam, também o próprio mundo estaria de tal modo bloqueado que teria precisado de um “interregno”, de um “reset”, de um “reinício”.

Há ainda demasiada “poeira no ar” para conseguirmos antever o futuro que irá emergir deste “interregno”. Até ao momento, o único factor indubitavelmente positivo foi a diminuição substancial da poluição à escala global. As consequências sociais e económicas têm sido, porém, até ao momento, indubitavelmente negativas, para não dizer catastróficas. Em Portugal e no Brasil, como em todos os restantes países do mundo, houve muita gente a ficar, de um momento para o outro, sem emprego, sendo que muitos desses empregos não irão, previsivelmente, regressar. Pelo menos, tão cedo.

A prometida vacina, entretanto, chegada em 2021, irá decerto antecipar esse necessário futuro pós-interregno. Seja pelo seu poder real sobre o vírus, seja “apenas” pelo seu efeito psicológico em todos aqueles que mais o temem, com a vacina o mundo parece, finalmente, em condições de virar, progressivamente, a página deste interregno de confinamento pandémico e de medo generalizado. Com ou sem vacina, teríamos, mais cedo ou mais tarde, de virar esta página. Um interregno é, por definição, um estado transitório. Um estar, não o ser...

Os textos que se coligem neste livro – mais de uma dezena e meia de textos, do universo de colaboradores da *Nova Águia*, uma revista de Filosofia e Cultura lusófona – não nos dizem qual será esse futuro pós-interregno. Foram textos escritos no “olho do furacão”, quando nem sequer era visível, como agora já é, essa “luz ao fundo do túnel”. Em todos eles, porém, pulsa uma esperança – atente-se, por exemplo, neste excerto do texto de Miguel Real: “Eduardo Lourenço, quando jovem, na sua estada em Paris, escreveu um texto (que não consigo identificar agora) em que falava da personagem de um romance (salvo erro, de Somerset Maugham) que, nos últimos dias de vida, se levanta da cama, vai ao quintal e planta uma bolota de carvalho. É a realização concreta do princípio da esperança (...)”.

Como acrescenta: “...ele nunca verá o carvalho elevar-se sobre a paisagem, mas foi o seu contributo para que a vida continuasse. Que cada um de nós, hoje, neste tempo suspenso, perante um futuro vazio, plante a sua bolota – uns escrevendo, outros pintando, outros compondo música, outros fazendo teatro, cinema, animação, jornalismo, outros trabalhando nas suas profissões.”. Este livro é também uma “bolota” – a nossa “bolota” para o futuro, em particular para o futuro das relações luso-brasileiras, que igualmente têm sido afectadas por esta pandemia. Em tempos de crise, a tendência natural é que para cada país se feche em si próprio. Passada esta crise, esperemos que a ponte transatlântica renasça, ainda mais forte.

⁸ Coord. de Renato Epifânio (Pontes Editores/ Brasil, 2021).